



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



---

## **Entre ausências: onde estão o Governo Federal e o povo em reportagem do *Jornal Nacional* sobre a crise de oxigênio em Manaus?**<sup>1</sup>

Duílio FABBRI JR<sup>2</sup>  
Fabiano ORMANEZE<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM  
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

### **Resumo**

Este artigo pretende discutir a influência do poder na construção do discurso midiático sobre a crise da falta de oxigênio no Amazonas, no início de 2021, durante a pandemia provocada pela Covid-19. Para isso, a partir da combinação entre análise da narrativa jornalística e análise de discurso, tomamos como objeto a reportagem que abre a cobertura da crise pela falta de oxigênio no estado, no *Jornal Nacional*, exibida no dia 11 de janeiro de 2021, pico da gravidade no caso. Assim, procuramos analisar que sentidos são produzidos sobre o caso pelas fontes selecionadas pela pauta do telejornal com maior audiência no país. A reportagem constrói uma narrativa entre a ausência do governo federal e a pouca representatividade das falas do povo.

**Palavras-chave:** *Jornal Nacional*; Manaus; Covid-19; fontes jornalísticas.

### **Jornalismo e construção simbólica da realidade**

O jornalismo sustenta seu papel na discussão entre interesse público e interesse do público, conceitos básicos detalhados desde as primeiras aulas para futuros jornalistas. A partir da relação criada entre sua função social e as expectativas dos interlocutores, a produção jornalística constrói um imaginário sobre a realidade, os fatos e as pessoas. Da mesma forma, ao expor “um mundo”, o jornalismo se configura como uma construção simbólica que reúne imagens, palavras, recortes e ângulos que se vendem como sendo a própria realidade, o que ressoa socialmente a partir da famigerada alcunha de “testemunha

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 04 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação – no I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

<sup>2</sup> Doutor pela UFSCar, professor no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Manaus. E-mail: [juniorduilio@uol.com.br](mailto:juniorduilio@uol.com.br).

<sup>3</sup> Doutor pela Unicamp, professor no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins (jun-nov. 2021). E-mail: [ormaneze@yahoo.com.br](mailto:ormaneze@yahoo.com.br).



ocular da história<sup>4</sup>”, que faz parte da consolidação da Jornalismo como um discurso crível no Brasil.

Longe de ser o recorte unívoco e objetivo que, durante tanto tempo, foi utilizado como discurso para construir sua credibilidade, os noticiários mostram “tudo aquilo que ele próprio considera mais inusitado e importante no mundo” (BOTTON, 2015, p. 10), de forma naturalizada e sabendo “tornar sua mecânica quase sempre invisível e, portanto, difícil de questionar” (idem, p. 11). Assim, como destaca o mesmo autor, os jornais se dirigem a nós como uma voz natural e transparente, abrindo estrategicamente mão de deixar claro que não se limitam a informar sobre mundo, mas também modelar a realidade na memória e no imaginário.

Dessa forma e particularmente no Brasil, a Análise de Discurso (doravante AD) tem sido solicitada por centenas de pesquisadores como arcabouço teórico para compreender as produções sociais e os efeitos de sentidos que derivam das produções midiáticas.

A AD, na esteira iniciada na França por Michel Foucault e Michel Pêcheux, considera a linguagem como lugar do heterogêneo, em que a língua e as demais materialidades significantes (a imagem, por exemplo, sobretudo em plataformas audiovisuais) vai significar a partir da historicidade e das relações com o ideológico. Disso deriva a diversidade dos processos de interpretação e a possibilidade de conflitos, pois o próprio analista também se coloca em um lugar, consciente de que também é interpelado pela ideologia.

Um dos tópicos mais importantes da AD, como forma de expandir a discussão sobre o conteúdo e a narrativa, sobretudo no que tange à mídia televisiva, está nas considerações sobre o lugar ocupado pelos veículos como dispositivos disciplinadores, à medida que é capaz de produzir memórias, muitas vezes a partir do que se entende como uma linha histórica do tempo:

---

<sup>4</sup> Essa expressão era usada como *slogan* do *Repórter Esso*, noticiário que foi ao ar pela primeira vez na Rádio Nacional, em 1941, tendo também sua visão televisiva a partir de 1952, na TV Tupi. Deixou de ser produzido em 1968.



A memória cumpre uma importante função de verificação e controle da consistência e da coerência das operações históricas de um sistema. Com base na memória, um sistema social constrói uma história para si mesmo, uma imagem coerente e consistente de si mesmo. A memória permite lembrar, no presente, apenas o que é importante para dar sentido às operações do presente. E permite esquecer todo o restante, todas as contradições, os *non senses*, os paradoxos. A memória, portanto, é lembrança e esquecimento ao mesmo tempo. (SIMIONI, 2016, p. 183)

Dito de outra forma, a memória tem também uma outra função: a de escolher o que é lembrado e o que é esquecido hoje e no futuro (FABBRI JR., 2019). Na dinâmica social, questiona Botton (2015) o que faz com que o público continue a consumir o noticiário. De acordo com o autor, a resposta tem a ver com o medo e prazer: “Longe das notícias, a tendência é nossas apreensões se acumularem” (...). Mas há também aqui um tipo especial de prazer (...): o noticiário pode representar um alívio do peso claustrofóbico de vivermos em nossa própria companhia” (p. 13). Em uma situação de pandemia e de isolamento social, como criados pela Covid-19, esse cenário tende a se fortalecer e, portanto, para quem acompanha as notícias, ter papel central na construção do imaginário.

É desse ponto, então, que empreendemos aqui uma análise de uma reportagem exibida pelo *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, no dia 11 de janeiro de 2021, sobre a falta de oxigênio em Manaus (AM). Por meio da interação entre análise da narrativa jornalística e de discurso, procuramos analisar as fontes selecionadas pela pauta do jornal para representar o sofrimento de pessoas que começavam a morrer pela falta de cilindros de oxigênio. Quais efeitos são produzidos e postos em circulação pelo discurso da emissora? É o que nos perguntamos para este trabalho.

### **O *Jornal Nacional* e um lugar de memória e verdade**

A partir da ideia exposta por Simioni (2016) de que lembrar e esquecer são processos complementares e análogos, a pandemia de Covid-19 chegou ao Brasil que já havia passado pela gripe espanhola, pela febre amarela, mas que, num primeiro momento, não parece ter aprendido ou mesmo se lembrar de nada, de nenhuma experiência anterior de combate ou de negligência no cuidado com a saúde pública.



É como se, no auge do avanço tecnológico e uma infinidade de trabalhos publicados que dizem respeito aos avanços da ciência e da medicina, o Brasil ainda estivesse “preso” ao ano de 1918, com outra pandemia mundial, a gripe espanhola. É como se o país, com as notícias de falta de oxigênio, possíveis desvios de dinheiro público na compra das vacinas e brigas políticas sobre as formas de conter a proliferação do vírus, estivesse em uma distopia, em que memória e esquecimento compunham um jogo perigoso de poder, com vidas em riscos e com cerca de 200 mil mortes<sup>5</sup> no país.

Nesse cenário, a mídia tenta ou mesmo assume o papel de uma organizadora e mediadora de sentidos sobre o acontecimento e sua relação com a história. Especialmente falando de televisão aberta, é preciso considerar que, a despeito de todas as outras mídias e formas de consumo informativo, ela ainda hoje tem uma grande audiência. O programa com maior média de público é o *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, seguido das novelas produzidos pela mesma emissora.

Essa mistura de entretenimento e Jornalismo manifesta-se, assim, como repositórios do imaginário simbólico de um país integrado, que se liga por meio da televisão e de sua proposta de falar com todos, o que já se percebe na própria história do *JN* (FABBRI JR., 2019). Numa perspectiva foucaultiana, consideramos a “verdade jornalística” como mediadora para a produção, distribuição e funcionamento dos discursos. “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e a confirmam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2015, p. 14).

Na mesma direção, para Arendt (2017), a verdade é múltipla. Há a verdade da razão, aquela que não é vista de forma dada, tampouco revelada à humanidade, mas sim um produto do tempo e de seus esforços. Para a audiência, o discurso em circulação faz com que o sujeito que interpreta trabalhe com características gerais de um dado discurso em seu modo singular de percepção. Sob esse ângulo, interessa não as formas

---

<sup>5</sup> Esse dado se refere ao mês de janeiro, quando a reportagem fruto da análise foi produzida. No momento da escrita deste texto, em novembro de 2021, a quantidade de mortos ultrapassava 600 mil.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



de discurso reportado, mas o que o sujeito faz com o discurso do outro, posto em circulação e mediado pela televisão.

A situação decrépita em que se encontravam os hospitais em Manaus, nas primeiras semanas de janeiro, teve seu ápice no dia 11 de janeiro de 2021. Na escalada do JN naquele dia, a apresentadora e editora Renata Vasconcelos chamou assim a reportagem sobre a falta de oxigênio na capital do Amazonas: “Com o sistema de saúde à beira de um colapso, em Manaus, o exército e a FAB mandam cilindros de oxigênio para repor os estoques nas UTIs”<sup>6</sup>.

É interessante pensar no sentido produzido, primeiramente, pela posição da chamada na escalada<sup>7</sup>: entre o aumento das armas de fogo no Brasil, uma sequência de notícias sobre o aumento de casos de Covid e a informação de que o vice-presidente, Hamilton Mourão, tomaria a vacina, ao contrário do que pregava o presidente Bolsonaro. É assim que se nota que os posicionamentos autoritários do chefe do executivo são colocados em jogo, especialmente sobre suas formas de exercício do poder e de (in)subordinação.

Em outro trabalho, Fabbri Junior e Ormaneze (2020) já discutiram a questão da obediência, usando conceitos formulados pela filósofa Hannah Arendt. A autora trata do assunto da desobediência, em capítulos do ensaio “A crise da república”. Para ela, o compromisso moral do cidadão em obedecer provém da “suposição de que ele deu seu consentimento ou foi o próprio legislador” (ARENDR, 2017, p. 75). É como se, nessa posição, de um seguimento inquestionável, o sujeito estivesse obedecendo a si mesmo, por acreditar na representatividade daquele que lhe impõe o que fazer, colocando-se em conflito subjetivado, “entre o bem público e o eu, que persegue sua felicidade particular” (idem, p. 76).

Quando Foucault desenvolve a teoria sobre o poder de gerência da vida das populações, o biopoder, tratou de demonstrar o escoamento do poder, antes totalizado

---

<sup>6</sup> As transcrições aqui feitas para análise tomaram como base a edição do JN veiculada em: <https://globoplay.globo.com/v/9170067>. Acesso em: 30 out. 2021.

<sup>7</sup> Escalada é, no jargão do telejornalismo, as principais notícias do dia apresentadas na abertura do telejornal. Seria, como no impresso, a primeira página.



na figura do soberano. Sua teoria se constitui, portanto, de uma minuciosa arqueologia das relações de poder, cuja consequência última foi a compreensão, ao menos conceitualmente, de que o elo de transição do poder soberano para o estatal estava justamente na conversão das políticas de dominação, antes centradas na capacidade de matar, agora, substituídas pela de “fazer viver”.

Logo em seguida à escalada, o jornal se inicia justamente com a reportagem sobre a crise da falta de oxigênio em Manaus. Renata Vasconcelos lê a cabeça da reportagem, logo em 1’20” de jornal. O governo do Amazonas declarou que não tinha cilindros de oxigênio suficientes para dar conta do aumento de internações com pacientes de Covid. O *off*<sup>8</sup> se inicia dessa forma: “A dificuldade de respirar é um dos sintomas da Covid. É por isso que muitos pacientes precisam de oxigênio extra para sobreviver. Sem esse oxigênio, a situação nas UTIs de Manaus, que já é grave, pode ficar pior”. Depois, entra uma sonora<sup>9</sup> do governador Wilson Lima:

As empresas que fornecem oxigênio para o estado informaram que não têm mais condições de fornecer oxigênio, na quantidade que o estado está necessitando. Nós estamos entrando numa situação dramática e, se nada for feito, ficaremos sem esse produto.

Nesse momento, podemos perceber que a reportagem não mostra o povo sofrido diante da evidente falta desse insumo no tratamento da Covid. Por que antepor o governador do estado antes de uma vítima da situação? E qual é a intenção do governador ao se expor diante da câmera de TV? Será que há alguma ilusão quanto à possibilidade de diálogo nesta relação, que se tornava tão delicada?

Faz-se necessário, dessa forma, pensar a respeito da ordem de entrada das entrevistas e equilibrar o respeito ao outro, na construção dessa alteridade que ficará exposta na mídia. É o biopoder que se insere nos jogos de tensões. A ênfase na fala da autoridade, representada pelo governador do estado, pretende revelar o quê? E quem é este homem imaginado, criado pelo jornalista que lhe reforça o *status* de autoridade? A expressão do governador é reduzida à “sonora”, em que suas palavras são apenas

<sup>8</sup> Texto do repórter enquanto são mostradas imagens em uma reportagem de televisão.

<sup>9</sup> Uma parte da entrevista, trazendo a fala de uma fonte, ampliando o tema tratado de forma específica.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



decorativas, servem como embalagem ao texto do repórter, ou há a possibilidade de uma ruptura?

Estudos como o de Ana Lúcia Enne (2007) são emblemáticos ao evidenciar a forma como visões estigmatizadas sobre o entrevistado e as regiões habitadas por eles estão introjetadas no senso comum e são incorporadas pelas narrativas jornalísticas que tendem a reproduzi-las, trazendo um tom de tragédia, de abandono e, principalmente, da incapacidade de reverter a situação.

Logo no segundo *off*, o repórter diz: “Para atender em caráter emergencial, o Exército, com apoio da Força Aérea, transportou 350 cilindros de oxigênio de Belém para Manaus.” Nesse trecho, perguntamos: onde está o governo brasileiro? Quem organiza a tarefa de emergência? O governo estadual? Por que a exclusão da ação do chefe de Governo Jair Bolsonaro?

A exemplo do que já havia ocorrido na escalada e na chamada da matéria, o Governo Federal não é citado, dando espaço para organismos do Estado. Onde estaria o Governo que não envia reforço a um estado da União e cujo Estado, aqui representado pelo exército e pela Força Aérea Brasileira (FAB) fazem as vezes? Ora, se, retomando a discussão iniciada por Foucault, o “soberano” Bolsonaro não faz viver, o Estado reaparece nesse cenário, numa tentativa fundamental para o não agravamento das mortes.

O *JN* se notabilizou, durante a pandemia, por realizar uma cobertura maciça sobre o tema, adotando um tom crítico à gestão do governo Bolsonaro. Essa percepção ficou patente na repercussão do telejornal. Nessa reportagem, da mesma forma, fica clara essa posição, mais uma vez omitindo a figura do Governo Federal, o que espelha a polarização político-ideológica entre as pessoas que apoiam e os que são opositores do presidente.

Assim, de forma indireta, a edição do *JN* mostra um presidente alheio a uma crise, promovendo a ação individual dos governadores e de instituições de Estado, como o Exército e a FAB. Em seguida, a reportagem mostra que, em apenas 10 dias, o número de internados superara o mês inteiro de dezembro de 2020. Além disso, traz um dado que alarma que está assistindo à reportagem. Se assistir ao telejornal já era motivado pelo medo de estar desinformado, como expusemos a partir de Botton (2015), agora, o medo



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



advinha da ameaça do avanço da doença e a escassez de recursos. A informação a ser dada era de que a ocupação dos leitos ultrapassava os 95% disponíveis nas redes pública e privada. Apenas em Manaus, 306 pessoas aguardavam um leito para internação.

O repórter, então, traz uma dessas pessoas à luz na reportagem: “Dona Ana, de 79 anos, é uma dessas pessoas. Ela está internada, desde sexta-feira, no serviço de Pronto-atendimento Danilo Correa, em Manaus. A filha Silvia tenta, desde então, sem sucesso, um leito de UTI para a mãe.” No trecho da entrevista da personagem<sup>10</sup>, Silvia ressalta que a mãe está em estado muito grave e de que não há UTI para ela. “Não tem UTI para ela, tem muita gente morrendo”, diz a entrevistada.

A personagem é mostrada da maneira como os pobres são, em geral, mostrados na TV brasileira, onde reflete uma das características mais marcantes da cultura nacional: a combinação entre autoritarismo e paternalismo. Novamente, faz-se presente a construção do imaginário a partir dos efeitos acumulados e naturalizados na memória:

Desenvolveu-se um “modo” muito próprio de falar com eles, de “mostra-los”. Na “melhor” das hipóteses, como “vítimas” da situação social do país – o que funda um discurso benevolente, cheio de “boas” intenções, que confere ao mesmo tempo à câmera o direito de vasculhar suas vidas, suas dores e alegrias, sua intimidade, enfim, a título de uma vaga “denúncia social”. Na pior das hipóteses, como “bandidos”, objetivados por um discurso moralizante e que, por já terem “escolhido” a exposição pública, também podiam, do mesmo modo, ter sua imagem devassada e descaradamente explorada, sempre em nome do “bem público”. (MIGLIORIN, 2010, p. 102)

Em um outro contraponto, excluindo a ação federal, a emissora, ao mesmo tempo, mostra com essa fala e imagens que tais posturas estariam sustentadas pela missão social do Jornalismo de defender a vida e de exercer vigilância dos atos de poderosos que possam, de alguma forma, atentar contra o bem comum. Em um telejornal com tantas estratégias quanto o *JN*, em que interesses são expostos, seria ingênuo acreditar que tais conteúdos são produzidos considerando apenas a variante do interesse público. Traquina (2005) dá um panorama desse conjunto de fatores, mostrando como a “ação pessoal”, as estruturas organizacionais, o acesso ao campo jornalístico, o rotinização do trabalho dos

---

<sup>10</sup> Jargão da TV para quando se trata da fala do povo. Corresponde, na visão clássica, às fontes testemunhais.





jornalistas, a comunidade jornalística e os parâmetros sociais e individuais pesam sobre o resultado que se obtém dessa “construção da notícia”.

Na sequência da reportagem em análise, o repórter faz uma passagem<sup>11</sup> e diz que o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuelo, estivera em Manaus e prometera apoio. Ora, apoio não é recurso. Apoio é se colocar juntos ao estado e ao município para resolver uma crise. Assim, percebe-se também que o *JN* não está isento das práticas simbólicas, com reflexos em seu discurso, na maneira pela qual organiza e hierarquiza as fontes, a estruturação da matéria e, principalmente, as imagens como reforço e suporte da narrativa. Além disso, há as associações diretas e indiretas entre um determinado fato e outro, entremeado pela passagem e a disposição das chamadas na escalada, como já expusemos.

Todas essas características são intensificadas em um momento como a cobertura de uma pandemia, quando as atenções estão quase todas voltadas para o assunto, fazendo do Jornalismo um ponto para onde convergem público, especialistas e atores políticos. Toda a narrativa é encerrada com a autoridade, dizendo que tudo aquilo será resolvido, a despeito das imagens dos pobres, doentes e alheio a mais um clamor do povo.

Exerce-se, assim, o padrão de manipulação definido por Abramo (2016), como “global”. O termo não se refere à emissora, mas sim a essa narrativa de fecho com que os fatos são apresentados, com problemas e soluções aparecendo perfeitamente e finalizados com a autoridade pública. Apesar disso, na análise que aqui demonstramos “global” é também aquilo que é produzido pela *Rede Globo*, em um processo infundável de produção de sentidos.

### **Considerações finais**

As entrevistas apresentadas, dentro da estrutura de edição dessa reportagem sobre a falta de oxigênio em Manaus, teriam funções, formatos e características assumidamente

---

<sup>11</sup> Momento em que o repórter “aparece” para mudar de assunto, no caso, para ouvir a parte do governo Bolsonaro sobre o assunto.



contrapostas ao aprofundamento, pressuposto ao fato de pessoas morrerem e não haver, no estado do Amazonas, o principal insumo para a manutenção da vida.

A cada edição de trecho de depoimento ou, em casos mais raros, de veiculação da pergunta do repórter seguida pela resposta do entrevistado, haveria uma simulação de um diálogo direto, face a face, uma tentativa de mostrar a verdade. Na seleção do “povo”, daqueles que representam a dor, a voz do cidadão comum não é legitimada na reportagem, mas utilizada como instrumento capaz de respaldar, também por meio do exemplo, e especialmente dos tons emocionais, o discurso da(s) emissora(s), emoldurando os enunciados que compõem a narrativa apresentada pelo repórter.

Trata-se, pois, de uma ilustração, poderíamos dizer, pois quem encerra a matéria não é o povo. É a autoridade, que diz que tudo o que se foi visto já estava resolvido. É uma postura editorial, que ainda guarda muitas diferenças com o uso das entrevistas com o popular, com o elemento anônimo do público, editadas ou subsumidas pelo *off* ou pela passagem que as precedem, servindo para legitimar a hipótese discutida e aprovada na reunião de pauta.

Para tanto, fica evidente a existência de um necrodiscurso, facilmente encontrado difundido no atual governo, que tem utilizado o Estado para o extermínio das diferenças incômodas ao projeto hegemônico de uma sociedade normatizada.

## **REFERÊNCIAS**

Abramo, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

ARENDDT, Hannah. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BOTTON, Alain de. **Notícias: manual do usuário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

ENNE, Ana Lúcia. O sensacionalismo como processo cultural. **Eco Pós**, v. 10, n. 7, 2007. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/1018](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1018). Acesso em: 17 out. 2021.

FABBRI JR., Duílio. “**Nós fizemos uma eleição**”: regularidades e lembranças de erros pela lente da *Rede Globo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



---

Linguística. UFSCar, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11701>. Acesso em: 30 out. 2021.

FABBRI JR., Duílio; ORMANEZE, Fabiano. O discurso nos limites da obediência: enunciados que aflagam ou abafam conflitos entre Mandetta e Bolsonaro na crise do coronavírus. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 28, p. 175-191, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14193>. Acesso em: 30 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MIGLIORIN, César (Org.). **O documentário brasileiro hoje**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhman e Foucault. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 97, jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/dCjTfQ3FCL5tDGXb9TW8NPn/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.